

Submetido em: 01 mar. 2024

Aceito em: 20 mai. 2025

Frantz Fanon e o racismo diante do outro

Frantz Fanon and racism in the face of the other

Elizangêla Mattos¹

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

RESUMO

O reconhecimento do racismo como problema estrutural em uma sociedade tem sido alvo de investigações importantes para sua superação. Proponho no presente texto refletir sobre o racismo descrito na obra de Frantz Fanon e a condição do negro na obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, refletindo como o fato de ser tomado como o *outro*, delegou ao longo da história o lugar inferior ao negro, efeito imediato do processo de colonização que sob sua ótica precisa ser eliminado visando a liberdade do gênero humano. Refletir sobre o racismo e suas implicações na obra de Frantz Fanon implica pensar um novo humanismo, por onde sua obra revoluciona e chama a atenção para as limitações de uma sociedade que ao se saber racista, perpetua a condição de colonização impedindo a si mesma de alcançar uma liberdade acessível a todos.

Palavras-chave: racismo. Fanon. outro. colonizado.

ABSTRACT

The recognition of racism as a structural problem in a society has been the subject of important research to overcome it. In this text, I propose to reflect on the racism described in the work of Frantz Fanon and the condition of black people in the work *Black Skins, White Masks*, reflecting on how the fact of being taken as the other has throughout history delegated to black people an inferior place, a direct effect of the process of colonization, which, from his point of view, must be eliminated with a view to the freedom of the human race. Thinking about racism and its implications in the work of Frantz Fanon means thinking about a new humanism, where his work revolutionizes and points out the limits of a society that, by knowing itself to be racist,

¹ E-mail: elizangelamattos@mail.uft.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6574-9173>.



perpetuates the condition of colonization and prevents itself from achieving a freedom accessible to all.

Keywords: racism. Fanon. other. colonized.

INTRODUÇÃO

O reconhecimento do racismo por parte de uma sociedade compõe aspecto fundamental para que a mesma possa se debruçar sobre a realidade de seus problemas. Se tratado com naturalidade e parte integrante de seu funcionamento, o racismo tem em si o aspecto característico de um povo ou nação. A obra de Frantz Fanon, compõe-se como fundamental para se apreender o racismo e o destino do negro na história da humanidade. Meu interesse no presente texto é refletir sobre a condição do negro a partir da obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, no intuito de apreender como ele, tomado como o *outro*, encontrou ao longo da história um único caminho para justificar a própria existência: a branquitude. No entanto, desprovido de privilégios, teria nesse caminho um lugar determinado ao qual o processo colonizador perpetuou ao longo dos tempos. Desse modo, seria imprescindível destituir esse lugar de outro, em um humanismo alicerçado no reconhecimento de todos.

Não seria possível mensurar o racismo, visto existir efetivamente ou não em uma sociedade, de modo que toda maneira de atenuar os seus efeitos seria camuflar uma evidência colocando o problema noutro lugar.

De uma vez por todas, afirmamos este princípio: uma sociedade é racista ou não é. Enquanto não percebermos essa evidência, uma quantidade enorme de problemas será deixada de lado. Dizer, por exemplo, que o norte da França é mais racista que o sul, que o racismo é obra de subalternos e que, portanto, não concerne nem um pouco à elite, que a França é o país menos racista do mundo, tudo isso é típico de pessoas incapazes de refletir corretamente. (Fanon, 2020, p.101)

Por isso, refletir sobre o reconhecimento do racismo, a consciência de

si enquanto ser humano com direitos e deveres, que pode e deve existir para além das expensas do destino branco que aprendeu a buscar ao longo da história soa imperativo. Com Fanon, é possível compreender como essa questão era urgente e continua na atualidade, onde assumir o racismo existente se compõe como o primeiro movimento para sua superação.

DE UM NOVO HUMANISMO

Pensar o verdadeiro humanismo, que por isso seria novo, implica o reconhecimento da própria existência atrelada aos valores e condições inerentes a ela. Nesse sentido, a obra de Fanon demonstra a consciência negra colocando-a em evidência, ocupando a produção intelectual e corroborando um lugar importante. Desse modo, a consciência de si seria efeito de uma luta intrínseca ao ser que, a despeito dos preconceitos que carrega ao longo da história, deveria enfrentá-los não somente para romper com a alienação do negro, mas de toda humanidade, pois somente dessa maneira se poderia entrever um mundo melhor para todos.

A tarefa de redefinir intelectualmente a identidade do homem colonizado foi inicialmente realizada por escritores negros francófonos, como Césaire e Fanon, não apenas por causa de sua exposição à cultura intelectual francesa, mas também porque as Antilhas foram ocupadas pelas potências colonizadoras por muito mais tempo do que a África. (Worsley, 2012, p.74-75)

A identidade do homem colonizado se encontra presente em Fanon, em denunciar o lugar de inferioridade que lhe fora atribuído, em ser subjugado e colocado em um lugar abaixo, a ponto de compor uma categoria vazia, no apagamento histórico ao qual o negro passou. Fanon nos mostra que não foi ontem o ocorrido, mas cotidianamente na prática de cada um. Sua vida e obra demonstram a força de um autor que não recuou diante das adversidades pelas quais passou, nem mesmo sucumbiu aos apelos de incorrer ao destino inevitável do negro, a máscara branca como condição de existência. Ao discutir e apontar a alienação dada e compreendida como inerente, incomoda

uma estrutura baseada na inferioridade do negro que nele se compõe como um militante e autor que se reconhece e toma partido: em apontar, reconhecer e provocar seus leitores para a emergência em enfrentar a questão que precisa de ação permanente.

O racismo biológico, que se pretende científico, dá lugar a esse racismo cultural, que desde 1954, é impulsionado pela modernidade: o objeto do racismo já não é a configuração do crânio ou a cor da pele ou a forma do nariz, mas ‘uma certa forma de existência’. (Cherki, 2022, p.136-137)

O racismo ultrapassa a biologia, exprimindo-se na opressão apreendida e normalizada, em uma reprodução que não demonstra sua efetiva eliminação, ao tomar a alienação do negro uma alienação do humano que se compreende superior. A desalienação do negro, ou seja, a ruptura com a compreensão de si enquanto inferior e que para existir deveria usar ‘máscaras brancas’, requer:

(...) um reconhecimento imediato das realidades econômicas e sociais. Se há um complexo de inferioridade, ele resulta de um duplo processo: -econômico, em primeiro lugar; - e, em seguida, por interiorização, ou melhor, por epidermização dessa inferioridade. (Fanon, 2020, p.25)

A inferioridade apreendida como condição de si, devido a cor da pele, tomando a opressão sofrida como resultante dela, daria lugar a um movimento de destituir essa condição recebida, dando lugar a liberdade da efetiva existência. O ponto de partida para toda possibilidade de mudança seria a tomada do humano, em lugar da cor, reconhecendo a todos no imperativo humanismo.

A categoria ‘humano’ retém, no eu interior, as operações do poder diferencial da raça como parte de sua própria historicidade. Contudo, a história da categoria não chegou ao fim, ela não foi capturada de uma vez por todas. Que a categoria seja feita no tempo, e que opere pela exclusão de uma ampla gama de minorias significa que sua rearticulação começara precisamente no ponto em que as pessoas excluídas

falarão a partir dela e para ela. Se Fanon escreve que ‘o negro não é um homem’, quem escreve quando Fanon escreve? (Butler, 2022, p.32)

O humanismo precisaria apreender as suas limitações ao não abarcar o indivíduo como um todo, ao passo que seria o mesmo que reconhecer que a ideia de categoria se fortalece também considerando a raça e sendo, portanto, excludente e perpetuadora do preconceito, enfatizando o negro na condição de inferior. Permeado de elucubrações racistas, seria necessário ao humanismo efetivamente caminhar para (não permanecer em uma categoria estática e racializada), para o que Fanon chamou em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, de um novo humanismo². No *Discurso Sobre o Colonialismo*, Aimé Césaire havia apontado a dificuldade de o Ocidente que: “(...) não foi mais capaz de assumir os requisitos de um verdadeiro humanismo, de poder viver o verdadeiro humanismo - o humanismo na medida do mundo”. (Césaire, 2020, p. 71).

A medida do mundo já havia sido apontada, na medida em que o verdadeiro humanismo pudesse superar suas limitações, abarcando o indivíduo em todas as suas idiossincrasias, sem a característica suspeição de enaltecer um em detrimento o outro.

A análise de Fanon, pautada em sua singularidade e experiência, evidencia-se pelo tom adotado nas linhas de *Pele Negra, Máscaras Brancas*: uma palavra potente, carregada de uma força em lutar pela mudança de uma sociedade pautada no racismo e, portanto, na inferioridade do negro, subjugado. Desse modo, “Fanon prefere realizar uma análise empírica da condição negra. A formulação de suas próprias experiências de racismo como um pré-requisito para a luta pelo estabelecimento de relações normais entre negros e brancos”. (Chekkat, 2011, p.41).

Não haveria meio termo para o racismo, tal como não se pode antever uma crítica a um humanismo que considera a raça como constituinte de sua formulação. A inovação implica confrontar suas intempéries e colocar o humano acima de tudo, sem distinções. Pois ao afirmar a importância em

² C.f. FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*, p.21.

libertar o homem, Fanon discute o humano, para além da divisão entre os homens, pois “O branco está encerrado em sua brancura. O negro, em sua negrura”. (Fanon, 2020, p.23).

SER O OUTRO

Entre os iguais ser um igual, qual a razão para Fanon seguir para a França, tal como outros intelectuais de seu país? O reconhecimento de ser o outro, mais precisamente de não ser, seria consequência de sua vida construída fora de seu país de origem? A força da escrita decorre certamente dos efeitos do que vivera quando de sua chegada em França, mais precisamente, ao deparar-se com o racismo. Uma oportuna discussão sobre o tema está na obra de Édouard Glissant, para quem Fanon opera um *desvio*. Sendo o exemplo significativo do desvio, o autor de *Pene Negra, Máscaras Brancas*, realizou uma obra que refletiu sobre o problema do racismo, operando uma separação radical com as estruturas que vinculam o negro a um lugar de inferioridade. A ação revolucionária era imprescindível, a partir de uma ruptura com o predomínio de uma tese imperativa de dominação.

O desvio é o último recurso de uma população cuja dominação por um "Outro" está oculta: o princípio da dominação deve ser buscado em outro lugar, porque não é evidente no próprio país. Isso porque o modo de dominação (assimilação) é a melhor camuflagem, porque a materialidade da dominação (que não se limita à exploração, à miséria ou ao subdesenvolvimento, mas à erradicação global da entidade econômica) não é diretamente visível. O desvio é a paralaxe desta busca. (Glissant, 1997, p.48).

O desafio seria libertar o colonizado, o usurpado de sua liberdade a partir da consciência plena de si mesmo a fim de confrontar com o racismo imperioso na sociedade. Ademais, a perspectiva do outro, ao tomá-lo como inferior opera uma violência pela qual somente uma mudança radical poderia

alterar, por isso o ímpeto de mudança presente na trajetória desse *militante disciplinado*³.

É por meio das relações humanas que edifica sua argumentação sobre o racismo que delega um lugar ao outro, ao diferente, um lugar inferior, em nome de uma superioridade e igualdade que degrada a sociedade. O apagamento do colonizado se caracteriza pelo *não ser* e para deixar essa imposição, seria necessário o reconhecimento de si e do outro como partes de um todo, com possibilidades de ação permanentes, o que destituiria o *lugar do negro* e o *lugar do branco*, colocando o indivíduo em sua condição de efetiva humanidade.

A estrutura do racismo oferece somente esse caminho para lograr êxito em sua existência, ou seja: a separação do diferente. Como apontou Lewis Gordon:

Fanon argumenta que o racismo é evitar relações humanas com pessoas indesejáveis. Trata-se de colocar certas pessoas em seu chamado "lugar", sendo esse lugar fora do mundo humano. Ele também o chama de "zona do não-ser". Não é um termo ontológico no sentido de uma localização absoluta. É um lugar atribuído e, portanto, tem significado histórico. (Gordon, 2014, p.52)

Ao estar em outro país, Fanon esforçou-se pela libertação do oprimido que, tomado com desconfiança, construiu sua existência e contribuiu para a construção de uma sociedade mais justa para todos. Esse esforço teve como ponto de partida a linguagem, que incide no indivíduo em sua relação com o outro, pois “Falar é ser capaz de empregar determinada sintaxe, é se apossar da morfologia de uma ou outra língua, mas é acima de tudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização”. (Fanon, 2020, p.31). Mas esse esforço implicaria também em libertar a si mesmo de uma concepção de diferença que compõe a estrutura racista.

³ Cherki se refere várias vezes a essa característica de Fanon, em ter sido um *militante disciplinado*. C.f. Cherki, Alice. *Frantz Fanon: um retrato*. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: perspectiva, 2022, p.160 e 186.

É na França, na maioria das vezes, que os antilhanos que emigram descobrem que são diferentes, que tomam consciência de sua condição de antilhano; uma consciência que é ainda mais dramática e insuportável porque o indivíduo assim invadido pelo sentimento de sua identidade ainda não conseguirá se reintegrar em seu ambiente de origem (ele achará a situação intolerável, seus compatriotas irresponsáveis; ele será encontrado assimilado, tendo se tornado branco em muitos aspectos, etc.) e partirá novamente. (Glissant, 1997, p.52)

A discussão de Glissant considera o desvio como característico de autores antilhanos que, como a passagem descreve, buscam noutro lugar a solução para suas questões de origem. Ao tratar da desapropriação, aborda a questão da negritude como um “aspecto sublimado do desvio”. (Glissant, 1997, p.54). Fanon dialoga com esse movimento, e com o reconhecimento da diferença em sua atuação na França, operando o desvio como um modo de expressão que poderia pressupor a apropriação do preconceito decorrente da cor da pele ao qual certamente foi afetado. Disso decorre a força de sua palavra nas linhas de *Peles Negras*, onde podemos compreender o lugar do autor da escrita da obra, ele está presente, com toda força de quem parte de uma experiência vivida para descrever o lugar do negro em uma sociedade racista e que, portanto, o coloca em uma condição de inferioridade. “Fanon tinha consciência da cor de sua pele por meio das muitas humilhações sofridas pelos martinicanos de pele escura, mas acreditava que, na Martinica, a cor da pele era transcendida pela classe”. (GORDON, 2014, p.57). Em França o percurso não foi diferente, sem ser considerado um cidadão francês, operou em na obra uma discussão fecunda sobre a pressão vivida pelo negro e pelo povo colonizado que precisava urgentemente de sua libertação. A realidade social deveria empreender seus esforços em superar a alienação do negro que em última análise, seria também a do branco, permitindo ao primeiro um caminho livre e distinto do inevitável elo com a branquitude para sua realização enquanto ser humano. Eis o destino apontado como inevitável:

O negro quer ser como o branco. Para o negro, há um só destino. E ele é branco. Já faz muito tempo que o negro admitiu a inquestionável superioridade do branco e todos os seus esforços visam conquistar uma existência branca. (Fanon, 2020, p.239)

O empreendimento efetivo seria destituir a superioridade apreendida de outrora e seguir o caminho da libertação dos povos oprimidos. Libertando a todos libertaria a si mesmo dos efeitos danosos da diferença que delega ‘lugares’ aos destituídos de uma igualdade estabelecida e para muitos, inalcançável.

LUTAR PELO OUTRO, LUTAR POR SI MESMO

O envolvimento de Fanon com a libertação da Argélia compreende seu ímpeto revolucionário e de como demonstrou em sua vida e obra a militância de um autor que a despeito de si mesmo, não mediu esforços em demonstrar a urgência de pensar a liberdade humana como a questão fundamental a ser exercida por todos, pois enquanto houver um povo colonizado, subjugado, haveria de haver o ímpeto de mudança para um mundo melhor para todos. Eis o seu empenho descrito em *Peles Negras, Máscaras Brancas*:

Se em algum momento me surgiu a questão de ser efetivamente solidário com um passado específico, foi na medida em que me comprometi comigo mesmo e com meu próximo a lutar por toda a minha existência e com todas as minhas forças para que nunca mais haja sobre a Terra povos escravizados. (Fanon, 2020, p.238-239)

A questão do povo colonizado e sua discussão sobre o racismo como um problema a ser enfrentado é fundamental para a compreensão da obra. A reivindicação de uma efetiva ruptura com a estrutura colonial seria imperativa e condição para uma sociedade que trata de seus problemas com vistas a liberdade humana. Lutar, implica no enfrentamento pessoal e depois coletivo para tudo o que poderia afetar a liberdade. Isso resultaria em considerar a todos sem nenhuma exclusão ou distinção, em uma ação

revolucionária que alcançaria a todos, principalmente ao colonizado que, em um lugar definido por outrem, se encontra impedido de seguir adiante. Eis a estrutura a ser rompida, pois como apontou Césaire: “(...) é o colonizado quem quer ir adiante, e é o colonizador quem o retarda” (Césaire, 2020, p. 27). Daí que a mudança seria para negros e brancos, eis o novo humanismo proferido por Fanon, condição imprescindível para uma sociedade livre. A subjugação do negro perpetuada historicamente se compõe incompatível com a liberdade humana. Assim, seria imperativo, como apontou Cherki: “Libertar a cultura - revigorá-la mediante sua reapropriação - é fundamental para a libertação do colonizado e do próprio colonizador”. (Cherki, 2022, p.137).

Ao apontar os efeitos do processo colonizador, obra de Fanon efetiva uma primeira necessidade, a partir de seu olhar, de seu lugar, daquele que responde à pergunta feita por Butler, mencionada no início do presente texto. O lugar do não privilegiado diante da violência inerente do sistema colonial. Como apontou Faustino:

Diante da situação colonial, a violência dispensa a necessidade de legitimação, já que o Outro - esse objeto que não é mais visto nem tratado como extensão do Eu - só aparece como predicado dos desejos e gozos do colonizador. (Faustino, 2022, p.63-64)

O lugar empreendido para o outro, o desconhecido delegado a um lugar inferior necessitava de uma alteração emergente. Por isso romper com a estrutura colonial seria condição fundamental para um novo humanismo, onde o racismo pudesse ser superado. A ruptura requerida, em nome da liberdade de todos torna a conjuntura de seu tempo inoperante e perpetuadora de uma estrutura degradante. Em *Os Condenados da Terra*, ao tratar da violência, o autor escreveu que:

Desmantelar o mundo colonial não significa que depois da abolição de fronteiras, serão construídas vias de passagem entre as duas zonas. Destruir o mundo colonial é, nem mais nem menos, abolir uma zona, enterrá-la no mais profundo do solo ou expulsá-la do território. (Fanon, 2005, p.57)

O sistema colonial seria, desse modo, o inimigo a ser enfrentado, não somente colocado de lado, mas enterrado como uma parte da história para refletir e aprender a não repetir. O olhar do outro, que colocou o negro em um lugar definido reforçou permanentemente o racismo a ser combatido, tal como Sartre escreveu, no prefácio escrito quando da publicação de *Os Condenados da Terra*: “Nossas belas almas são racistas⁴”. Ora, eis a primeira condição para a superação do racismo: tomá-lo com existente nas práticas relacionais, onde se reforça uma estrutura que, de tão habitual se configura como o padrão de *normalidade* para o funcionamento de uma sociedade.

Fanon empreende a necessidade de um esforço por reconhecer a humanidade tal como se compõe, sem superioridade nem inferioridade, sem a polaridade excludente.

Para Fanon, é necessário fazer um esforço para compreender a complexidade da condição humana em sua vida concreta e em seu desenvolvimento histórico. E isso é tão verdadeiro para o imigrante quanto para o colonizado. Há desconfiança na mente para enquadrar tudo em categorias predefinidas e maniqueístas. Falando sobre o homem negro que chega à França, ele explica o que acontece na psique do imigrante. A psique do imigrante, sua relação enquanto dominado com a sociedade que o colonizou. (Goussot, 2015, p.6).

Ser o estrangeiro lhe permitiu na relação com o outro olhar para si mesmo e apreender o preconceito diante da cor da pele. E o humanismo que defendeu edificou-se a partir de sua definição do que vem a ser o homem, que, sendo o *sim* e sendo o *não*, deve preservar imperativamente a liberdade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Pene Negra, Máscaras Brancas*, remete a uma reflexão sobre o negro e a condição de existência pautada no destino da máscara branca. A

⁴ C.f. Sartre, J-P. Prefácio à edição de 1961. In: Fanon, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Tradução de Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de fora: Ed. UFJF, 2005, p.38.

denúncia dessa violência operada historicamente poderia ser superada sob a perspectiva de um humanismo que pudesse considerar imperativamente a liberdade humana. O desconforto do negro relatado mostra também o que pode fazer um autor e sua vida com o ‘não privilégio’ de sua existência, diante da posição ‘privilegiada’ do olhar do branco que o define como o outro.

A polaridade entre brancos e negros empreende uma exclusão pela qual a obra de Fanon busca romper, considerando para tanto, uma nova roupagem para um humanismo que tenha em suas bases o humano acima de todas as coisas, sem condição de exclusão ou superioridade. Denunciar o sistema de opressão soa imperativo e Fanon nos apresenta o relato daquele que viveu na pele (negra) os efeitos da colonização e do racismo.

Combater o preconceito de cor seria condição do humanismo compreendido em suas linhas, de onde o reconhecimento do negro sem a presença do racismo pudesse lhe permitir ser no exercício pleno de liberdade, pois há, como denunciou Fanon, diante do negro: sabe-se de sua existência, mas com desconfiança e esperando sempre por uma condução errônea que o coloque efetivamente em *seu lugar*. O erro, embora humano, não poderia acompanhar o negro, o outro, pelo qual seu lugar seria sempre alhures ao que se propôs estar. Eis o exercício de si mesmo, sua relação com o outro e a desconfiança pela qual a existência negra se depara:

O que se pode esperar, na verdade, de um médico negro? Enquanto tudo estivesse correndo bem, era alçado às nuvens, mas cuidado, não faça nenhuma besteira, em hipótese alguma! O médico negro jamais saberá a que ponto sua posição beira o descrédito. Eu lhes digo, já estive emparedado: nem minhas atitudes civilizadas, nem meus conhecimentos literários, nem minha compreensão da teoria quântica eram vistos com bons olhos”. (Fanon, 2020, p.132)

Eis o relato do negro, o *outro*, que saiu de *seu lugar* de origem para compor sua existência enfrentando um sistema excludente e desconfiado de suas ações.

Precisamos fanoniar o mundo, a fim de reconhecer, pertencer e refletir sobre o racismo de cada dia, em como ele se manifesta nas relações: do jeito

mais sutil ao modo declarado de sua presença, a fim de tomar as próprias limitações e efetivamente, caminhar para o novo humanismo pelo qual demonstrou ser necessário para considerar a liberdade humana. Somente desse modo podemos apreender e realizar um mundo onde o negro não necessite se utilizar de *máscaras brancas* para existir.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Desfazendo Gênero**. Tradução de Aléxia Bretas et all. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Claudio Willer, ilustrações de Marcelo D'Saete, cronologia de Rogério de Campos. São Paulo: Veneta, 2020.

CHEKKAT, Rafik. Entre 'erreur blanche' et 'mirage noir', la question raciale dans les premiers écrits de Fanon. *In: Contretemps - Revue de Critique Communiste*, n.10, juin 2011, pp.39-56.

CHERKI, Alice. **Frantz Fanon: um retrato**. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2022.

FANON, Frantz. **Peau Noire, Masques Blancs**. Paris: Éditions du Seuil, 1952.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juíz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

FANON, Frantz **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo, prefácio de Grada Kilomba; posfácio de Deivison Faustino; textos complementares de Francis Jeanson e Paul Gilroy. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FAUSTINO, Deivison. **Frantz Fanon e as encruzilhadas: teoria, política e subjetividade**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

GLISSANT, Édouard. **Le Discours antillais**. Paris: Éditions Gallimard, 1997.

GORDON, Lewis. Fanon, critique du ‘fetichisme méthodologique’. In: **Dossier Frantz Fanon. Actuel Marx n.55**, Paris: Presses Universitaires de France, 2014.

GOUSSOT, Alain. Frantz fanon et la rencontre avec l’autre: pour une psychologie transculturelle de la libération. In: **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 10, n. 20, julho/dezembro de 2015, pp. 474 a 481.

WORSLEY, Peter. Frantz Fanon et le Lumpenprolétariat In: **Dossier Frantz Fanon. Actuel Marx n.55**, Paris: Presses Universitaires de France, 2014.

